

Biografia do Beato Frederico Ozanam (1813 – 1853)

Beatificar não é fazer uma estátua. Pelo contrário, segundo a etimologia latina (*beatificare*), significa: tornar feliz.

Com efeito, pela beatificação de Frederico Ozanam, a Igreja reconhece solenemente, à luz de Deus e para toda a eternidade, à face do cristianismo, da juventude em particular, a santidade do principal fundador da Sociedade de São Vicente de Paulo. Ao mesmo tempo, somos todos "tornados aventureiros" porque este admirável testemunho, vindo de um dos nossos irmãos em Cristo e em humanidade, enche-nos de alegria, esperança e coragem.

Entre os homens e as mulheres que a Igreja "elevou aos altares", para usar a forma consagrada - muitos são adultos, muitas vezes idosos, voltados ao celibato derivado de seus compromissos sacerdotais ou monásticos.

Eis que nos é proposto como modelo um homem jovem cuja curta existência (23 de Abril de 1813 a 8 de Setembro de 1853) foi de uma excepcional riqueza, um homem que elevou o amor familiar, conjugal e paterno a uma grande altura; um homem com compromissos múltiplos e diversos, mas sustentados pelo mesmo vigor espiritual, postos ao serviço da Fé, da Caridade, da Igreja, do Pobre, da Ciência, da Democracia; um homem enfim, de carne e de espírito como nós, encarnando aos nossos olhos um tipo de Cristão próximo de nós, um ideal alimentado do Evangelho respondendo às interrogações dos seus contemporâneos e às inquietações da nossa geração.

Não devemos esquecer que o século XIX, aquele em que viveu e trabalhou Ozanam, foi o motor do nosso século XX que, à semelhança do precedente, é agitado por idéias novas e mudanças tecnológicas, econômicas, sociais e espirituais.

Por verdadeiramente dizer-se que a sua vida única. Aos olhos e aos corações pouco atentos, esta existência pode parecer semelhante a outras: com efeito, ela brilha, cada vez mais fortemente, sobre o nosso mundo, este mundo moderno, tão ávido de luz. Quando nós invocamos o Bem-Aventureiro Ozanam, não será em primeiro lugar para obter qualquer favor: Será essencialmente para que a nossa vida de homens seja vivificada pelo seu exemplo e pelo seu testemunho.

Um Homem Enraizado no seu tempo

Um homem como nós

Muitas vezes imaginamos Frederico Ozanam como um santo distante, totalmente dado a Deus, à oração, às obras, que poderia parecer estranho às paixões dos homens. Esta imagem deve ser definitivamente afastada. Pois, logo que nos familiarizamos com sua abundante e maravilhosa correspondência, que interroga as testemunhas da sua vida no dia a dia, descobre-se uma alma palpitante, um coração generoso, nunca satisfeito, sempre atento, batendo ao ritmo da vida do próximo, dos seus amigos, dos seus irmãos na adversidade.

Um homem de carne e sangue

Frederico não era feito de matéria diferente daquela que são feitos os seus semelhantes.

Ele levava uma vida de homem de corpo inteiro, e se essa vida foi transformada, sublimada por uma santidade adquirida progressivamente, ela nunca se abandonou a uma forma angelical.

Como todos nós, Frederico foi confrontado com o que justamente chamamos "um cotidiano terrível", num dia a dia tantas vezes cinzento e sem interesse.

Como qualquer pessoa, preocupava-se com sua saúde, com a sorte dos seus, com os seus meios de subsistência, com seu futuro, com seus êxitos, com sua promoção na Universidade, com a obtenção de um prêmio ou de uma condecoração, ou, muito simplesmente, com a vida que seguia e que não lhe permitia levar até o fim a sua obra científica.

É preciso acrescentar que, como bom Lionês, não recusava uma boa mesa ou um bom vinho.

Uma Sensibilidade Religiosa

Mas o homem não vive só de pão, tem, sobretudo necessidade de alimento espiritual. Frederico, graças aos seus pais e educadores, foi provido deste, foi, contudo assaltado durante sua adolescência, como muitos jovens, pela dúvida sobre as verdades da fé, e pelo sentido que os cristãos dão à vida, pelo acordo, por vezes difícil de imaginar, entre o mundo moderno, marcado pela incredulidade e ávido de progressos técnicos, e a Revelação divina.

Ao atravessar, esta "noite da fé", Frederico manteve-se arraigado ao credo da sua infância.

Obrigava-se a cumprir seus deveres religiosos, a rezar, a receber os sacramentos. O hábito do exame de consciência permitiu-lhe ultrapassar o que ele considerava como os quatro principais obstáculos que, nele, entravavam o avanço da graça: o orgulho, a impaciência, a fraqueza e a meticulosidade.

Um Espírito Lúcido

Porque em relação a si próprio e aos seus defeitos, Frederico era de uma lucidez que o levava, por um lado, a pedir perdão aqueles ou aquelas a quem as suas mudanças de humor poderiam ferir, por outro lado, mantinha-se numa posição de humildade que não deixaria de se reforçar com os anos, as deficiências de saúde, as provas do fim de sua vida, provocando nele um autêntico despojamento espiritual, até o abandono à vontade divina.

Em 1848, escrevia ao seu amigo Foisset : *"vai-se a juventude e não me apercebo que me tenha tornado melhor. Daqui a três meses, eu terei 35 anos. Supondo que faço o resto do caminho até o fim, tenho medo de chegar lá de mãos vazias"*.

E a Dufieux em 1850: *"Conheço-me há muito tempo e se Deus quiser dar-me algum ardor pelo trabalho, nunca tomarei esta graça pelo dom resplandecente do gênio. Sem dúvida quero consagrar a minha vida ao serviço da fé, mas considerando-me como um servidor inútil, como trabalhador de última hora..."*

Se Frederico mantinha com ardor as suas idéias, não ficava menos respeitoso pelas posições daqueles que não a partilhavam: *"Aprendemos a defender as nossas convicções sem odiar os nossos adversários, amar aqueles que não pensam como nós"*.

Ao contrário, suportava mal a intransigência dos intolerantes *"os importantes da ortodoxia... que fazem da sua opinião política um 13 artigo do Symbole"*... assim que ele se insurgia contra certos artigos de "L'Univers", jornal de Luis Veuillot, chefe da ala dos católicos intransigentes e adversários dos católicos liberais.

Ao seu amigo Alexandre Dufieux, que parecia abalado com os argumentos de Veuillot, envia Ozanam uma carta: *"Estarei eu, querido amigo, esgotado de fadiga aos 37 anos, reduzido por enfermidades precoces e cruéis, se não for amparado pelo desejo, pela esperança de servir o cristianismo?... Certamente que não sou senão um pobre pecador diante de Deus, mas ele ainda não permitiu que eu deixasse de crer, que eu tenha negado, dissimulado, atenuado nem um artigo da fé"*.

Frederico Ozanam foi o homem das Beatitudes evangélicas: pobre em espírito, doce, de coração puro, foi perseguido pela justiça por ter tomado a chefia do "partido do amor": aquele mesmo de que Cristo foi o fundador.

O Homem de uma Família

Antônio Frederico Ozanam nasceu em 23 de abril de 1813, em Milão, Itália.

A família Ozanam é originária da Dombes, na parte Sudoeste do departamento de Ain, no nordeste de Lyon, França. Foi em Chalamont, em Dombes, que nasceu, em 1773, João Frederico Ozanam, pai de Frederico.

Filho de um Notário real, veio a ser no tempo de Luis XV, "Juiz Real", tendo na sua jurisdição, Châtillon -sur- Chalaronne, onde São Vicente de Paulo, pároco em 1617, fundou a primeira "caridade".

Sobreveio a Revolução Francesa, que subverteu tudo, particularmente a vida dos lioneses. João Antônio Ozanam, escrivão de notário, aos 20 anos foi apanhado pelo recrutamento dos jovens solteiros: ele tornou-se um dos "soldados do ano II" que serão exaltados por Vitor Hugo.

Com a 1 campanha dos Hussards, onde ele foi Tenente desde 1796, participou na Campanha da Itália, comandada por Bonaparte. Desmobilizado em 1799, João Antonio se instalou em Lyon, onde se casou, em 21 de Abril de 1800, com Maria Nantas, de 19 anos, filha de um fabricante de sedas. Maria Nantas seria para o marido uma companheira devotada e, para seus filhos, uma mãe exemplar.

Iniciando-se junto a seu sogro no negócio da seda, João Antonio instalou-se com sua esposa em

Lyon. Mas, no dia seguinte ao nascimento de sua primeira filha, Elisabeth (Fevereiro de 1801), os Ozanam foram confrontados com um problema que durará diversos anos: João passa a maior parte do tempo sem emprego. Estabelecido em Paris em finais de 1801, lançou-se em negócios, sempre sem sucesso, que o levavam muitas vezes ao estrangeiro.

Em 1807, deixou a capital, deixando sua esposa e seus filhos em Lyon, e percorreu a Itália como caixeiro-viajante. Em 1809, fez ir sua família a Milão onde se fixou. Em 27 de dezembro de 1810, após um ano de trabalho exaustivo, formou-se em medicina: vai passar a ser conhecido como "bom doutor Ozanam".

Mas as desgraças de Napoleão vão obrigar a família de Ozanam a deixar Milão em 31 de outubro de 1816. Embarcaram para Marselha e se instalaram em Lyon, na rua Pizay, perto da câmara Municipal e o doutor Ozanam passou a exercer medicina no Hospital Principal da cidade, em 1817.

A seu pai, Frederico devotará um verdadeiro culto. O doutor Ozanam é um homem de ciência, cujos trabalhos de pesquisa se situavam em uma medicina ainda pouco arcaica, foi ele também e, sobretudo, o tipo de médico de família, infatigável, humano e compassivo, que considerava a medicina uma vocação: aos seus filhos, ele diria muitas vezes que para cumprir dignamente esta missão é necessário estar disponível para dar a sua vida pelos doentes. Quando dos motins sangrentos em 1831 e da cólera em 1832, constatar-se-ia a verdade dos seus propósitos.

Uma Ternura Filial

De sua mãe, Frederico guardará uma lembrança extremamente forte: cristã, cuja fé foi temperada por duras provas, ela partilhou com seu marido uma existência de trabalho incessante, viveram com a oração e a prática das virtudes evangélicas. A vida religiosa da família Ozanam desenrolou-se na paróquia lionesa de São Pedro e São Saturnino. Foi sobre os joelhos de sua mãe que Frederico, como os outros irmãos, aprendeu a grandeza e a doçura de Deus, o gosto pela oração e pelas virtudes práticas. À noite, todos se reuniam à volta de João Antonio e de Maria, para a oração que era seguida de uma leitura piedosa.

E que lar cheio de vida! Uma certa austeridade, temperada por uma feição sem limites e um grande humor.

Ao lado de sua mãe, Frederico beneficiava do calor de duas outras presenças femininas: a de sua irmã mais velha Elisa (Elisabeth) - doze anos mais velha - sobre a qual ele escrevia *"Eu tinha uma irmã, uma irmã muito querida que me instruíra juntamente com a minha mãe e essas lições tão doces, tão bem apresentadas, tão apropriadas à minha inteligência infantil, que eu encontrava nelas um verdadeiro prazer"*. E também a fiel criada da família, Maria Cruziat, familiarmente chamada de "A Velha Maria" ou "Guigui". Com 45 anos quando Frederico nasceu, ela morreu em 1857, com 89 anos, depois de ter estado durante 72 anos a serviço de três gerações da família Ozanam.

Firmeza na Provação

Mas esta felicidade tinha um reverso: os lutos repetidos, a morte de onze dos catorze filhos de João Antonio e Maria Nantas, dez eram as filhas quase todas falecidas com pouca idade ou ao nascer. Só sobreviveu a mais velha, Elisa, o anjo da guarda dos irmãos, a amiga e companheira de sua mãe, a alegria de seu pai que, bom músico, ele mesmo a mandou aprender música, desenho e inglês. E eis que em 29 de Novembro de 1820, Elisa, esta doce e jovem alegre menina faleceu aos 19 anos.

Ver seu pai e sua mãe chorar tanto a perda de seus filhos, reforçou a sensibilidade natural de Frederico e tornou-o atento à vida, à dor de seus semelhantes. E em um lar onde os recursos foram quase sempre limitados, Frederico aprendeu que a pobreza não é só marca daqueles a quem chamamos de pobres, mas que atinge também e muitas vezes, aqueles que chamamos de burgueses.

"Dou graças a Deus por me ter feito nascer em uma posição no limite da penúria e da abundância, que nos habitua às provações sem ignorar os gozos da abundância, onde não podemos adormecer na realização de todos os desejos, mas onde não podemos distrair pelas solicitações contínuas da necessidade". (carta a Francisco Lallier, 5 de novembro de 1836).

A atenção que ele manifestará toda a sua vida no respeito pelos operários e operárias, ele a devia também ao exemplo de sua mãe que, embora muito ocupada com seus trabalhos domésticos, encontrava tempo de se consagrar à seção de São Pedro da Sociedade das Veladoras, composta de operárias que, alternada e voluntariamente, passavam a noite junto com mulheres doentes ou na miséria.

Depois da morte, aos três meses, do pequeno Luis-Benoît, em 1882, e do nascimento de uma última criança, Carlos, a família Ozanam encontrou-se reduzida a três filhos: Afonso (1804-1888) que será

padre e receberá o título de Monsenhor; Carlos (1824-1890) que será médico como o pai, e Frederico, nascido em 1813.

A chamada pelo Senhor das irmãs, depois do pai (1837), da mãe (1839) reforçou, naturalmente, os laços que uniram os três irmãos Ozanam.

Depois de seu casamento com Amélia Soulacroix, na Igreja de Saint-Nizier, em Lyon, no dia 23 de junho de 1841, Frederico passou a manifestar a seus sogros a mesma piedade filiar com o que este termo comporta: respeito com ternura.

O Homem de Duas Cidades: Lyon e Paris

Frederico Ozanam declarou um dia *"Diz-se que em Paris está a cabeça do reino e que em Lyon está o seu coração"*. Estava certo; melhor: o que era verdade para a França foi igualmente verdade na vida de Frederico. Se os necessitados profissionais repartiam a sua existência entre a capital e a sede Primaz dos Gauleses, a cabeça de Frederico esteve a maior parte do tempo em Paris, sem dúvida o centro da cultura, mas, no entanto, seu coração ficou em Lyon.

Lyon: Ponto alto da Espiritualidade; Centro de Revolta

Da ligação de Frederico a Lyon, cidade onde ele passou a infância, a adolescência e alguns dos melhores anos da sua juventude, onde ele se casou, e à qual, como ele escreveria em 1832, o ligavam *"os hábitos de criança, os afetos domésticos e os laços de amizade"* existem imensos testemunhos. Eles surgem em grande quantidade na sua correspondência. Assim, em uma carta enviada de Paris em 1843 a Dominique Meynis: *"sabeis que estou ligado a Lyon pelas raízes do coração... Desde que fui chamado às minhas perigosas funções em Paris, todos os anos me vou sob a proteção de Nossa Senhora de Fourvière, à qual fui consagrado quando criança"*.

E a seu irmão Carlos, de Paris novamente, em 1850: *"Escrevo-te estas poucas palavras para que, ao passares por Lyon, tenhas uma recordação minha, para que não te sintas só em uma cidade onde tudo nos é comum, onde tu deves, mais vivamente que em qualquer outro lugar, pensar em todos os que já nos deixaram..."*(o pai e a mãe de Frederico repousam no cemitério de Lyon).

Quando a família de Ozanam se instalou em Lyon em 1816, a cidade não tinha mais do que 140.000 habitantes; ela terá 180.000 em 1846, e o crescimento da população foi sensível no Guillotiére (arredores da cidade) e sobretudo na colina da Croix - Rousse onde, aproveitando a venda dos antigos terrenos monásticos, os operários da indústria da seda instalaram novas fábricas de tetos bastante altos para poderem comportar as máquinas de Jacquard, que vão assegurar a supremacia de Lyon no fabrico de sedas. Em 1831, na altura em que "os operários da seda" se revoltam contra as condições salariais que lhes são impostas pelos fabricantes, existem 8.000 chefes de oficinas de seda.

Frederico deu todo o seu amor a esta cidade, na confluência do Rone e do Saone, com as suas ruas altas e estreitas, seus cais, suas colinas, suas encostas, seus panoramas, seus subúrbios alegres, os seus barulhos - matraquear dos teares, o ruído dos cavalos que puxavam inumeráveis e pesadas cargas de fardos de seda -, a sua população laboriosa e ativa...

Lyon era um ponto alto de espiritualidade cuja vitalidade vai fortemente contribuir para fazer de Frederico Ozanam um dos pioneiros da renovação católica na França. Em 1905, um jornalista chamará a atenção muito justamente para que "a cidade de Lyon sempre foi e tende a continuar a ser cada vez mais um dos lugares de vida espiritual e de pensamentos cristãos mais intensos". A alma lionesa, profundamente religiosa, é servida por um espírito frio, singularmente prático e por um caráter de fé audacioso e empreendedor.

Berço da primeira comunidade cristã e da primeira Igreja episcopal dos Gauleses (século II) - daí o título de "Primaz dos Gauleses" desde sempre usado pelo seu arcebispo -, de novo ardoroso lugar religioso, do século XI ao século XIV, Lyon conheceu, durante os séculos XIX e XX, uma intensa vitalidade espiritual (Escola de Lyon, "Crônica social", Resistência de espírito durante a segunda Guerra Mundial).

Depois de uma Revolução que a transformou, a Igreja de Lyon, graças ao Cardeal Joseph Fesch, tio de Napoleão, rapidamente reencontrou seu equilíbrio. As Obras, as instituições multiplicam-se: a mais radiosa, a mais universal é a Propagação da Fé, idealizada em 1820 por Pauline Jaricot, filha de um negociante de tecidos, ela se tornou o símbolo e o suporte do renascimento francês das missões católicas. Frederico, que será um dos animadores da Obra, considerou-a sempre como tipicamente lionesa: em 1845, quando correspondente em Paris do Conselho de Lyon, escreveu: *"Como não poderá perder-se nem Santa Irénée, nem Nossa Senhora de Fourvière, não tirarão"*

também a propagação da Fé."

E havia os pobres que em Lyon, mais do que em outro lugar, chamavam a atenção e a dedicação dos católicos. Quando das grandes inundações de 1840, Mgr. Maurice de Bonald, o novo arcebispo, avaliou em 20.000 o número de pobres em Lyon. A mortalidade era superior ao resto da França, elevando-se mesmo a 30 por 1000 em 1834, ano de miséria, de greves, caos, e epidemias de varíola e febre tifóide. Já durante o Inverno de 1829 -1830, reinando um frio intenso desde o princípio de Outubro até o fim de Fevereiro, a mortalidade tinha dobrado. E é preciso lembrar que as revoltas sangrentas dos "operários da seda" em Novembro de 1831 e Abril de 1834, resultaram em centenas de mortes.

Não podemos admirar de ver Frederico dedicar-se desde muito cedo a desenvolver a Sociedade de São Vicente de Paulo em Lyon, onde residiu de 1836 a 1841.

Este quadro, da cidade de Lyon em ebulição, não deve fazer esquecer que também existiam na cidade dos mercadores da seda e dos operários, fortes correntes de anti-clericalismo: em 1820, as dez lojas maçônicas da cidade reconstituíram-se. Como sempre, Frederico foi muito sensível à aliança, muitas vezes constatada, entre a incredulidade e o egoísmo burguês. A 15 de Janeiro de 1831, exprimia ele, a amigos, a aversão lhe inspirava a nova classe no poder, também em Lyon: *"Vive-se uma vida industrial e material; cada um dá atenção à sua comodidade pessoal, ao seu bem estar particular...A ordem material, uma liberdade moderada, pão e dinheiro, eis tudo o que se deseja..."*

Esta atmosfera de incredulidade contribuiu para semear no coração deste adolescente, elementos de dúvida religiosa. Ao entrar no Colégio Real de Lyon, para a 6ª classe em outubro de 1822, fez sólidos e brilhantes estudos clássicos. Foi em Retórica que, em 1827, a sua fé foi posta em questão. Mas foi nesse mesmo colégio que, graças ao professor de Filosofia, o abade José Matias Noirot, ele reencontrou paz no coração junto à luz espiritual.

Bacharel em Letras em 1829, Frederico decidiu *"votar os seus dias ao serviço da verdade"*. Ele passou mesmo a ver uma *"demonstração da Religião católica pela antiguidade das crenças históricas, religiosas e morais."*

Alimentou este projeto com a leitura de Chateaubriand, Lamartine e Lamennais, apologistas prestigiados do cristianismo que seduziram então tantos jovens, cuja argumentação e estilo influenciaram Ozanam. Este encontrou também o repouso de espírito e o entusiasmo de jovem cristão no contato com dois grandes pensadores lioneses que encontra em Paris: André Marie Ampère (1775-1836), membro da Academia de Lyon, redigiu um memorando, sobre as "Provas históricas da divindade do cristianismo", e Pierre Simon Ballanche (1776-1847), escritor que, em 1801, mandou imprimir na tipografia do pai "Du Sentiment" que prefigura "O Gênio do cristianismo"; Ballanche comunicará ao jovem Frederico a esperança de que, como cidadão e católico, ele acertará no espírito da liberdade e da solidariedade.

Em outubro de 1830, Frederico, que tudo encaminhava para as letras e para a história, mas que se pai destinava a Direito, entrou como estagiário no escritório de Mestre Jean Baptiste Coulet, advogado no Tribunal de Primeira Instância de Lyon. Um ano mais tarde, 1 de novembro de 1831, tomava lugar na diligência da Recogagens Reais, que, em 4 dias, o levou para Paris onde foi fazer seus estudos de Direito.

Paris: Capital Intelectual; Cadinho de Miséria

A 5 de novembro de 1831, Frederico Ozanam descobriu a capital. Do começo, a grande cidade desiludiu-o. A vista e a visita aos seus monumentos mais célebres não o satisfizeram. De fato, tomou muito depressa consciência de que, atrás destas belezas e luzes, *"a velha Lutécia"* mostrava também os seus *"horrores, as suas barracas, a sua corrupção"*. Um luxo ostensivo ombreava com uma miséria medonha, aquela que, alguns anos mais tarde, Vitor Hugo pintaria em "Os Miseráveis".

A Paris de Luis Felipe, onde se instalou o estudante Ozanam, não era ainda a Paris que o Barão Haussmann (nomeado Prefeito do Sena a 28 de Junho de 1853) transformaria ao ponto de a fazer "Cidade-Luz", onde habitariam cerca de 700.000 Parisienses. Muitos, no entanto, conheciam uma condição precária nessa metrópole ainda mal adaptada às exigências da vida moderna.

A exceção dos bairros aristocráticos, só se via por todos os lados casas altas, muitas vezes arruinadas, ladeando ruas estreitas, sujas e sem esgotos nem passeios, ressoando aos gritos dos vendedores e, sobretudo, o barulho causado pelo pavimento irregular, o mau estado das ruas e a passagem de carros de cavalos. Compreende-se assim que este espetáculo e a medonha epidemia de cólera, que fez milhares de vitimas na capital em 1832, tenha perturbado Frederico.

A maioria dos habitantes dispunha de rendimentos tão fracos que, em 1846, numa população de um milhão de habitantes, 650.000 estavam isentos de impostos. Dois em cada três não tinha como pagar sua mortalha; a mortalidade, de 30 por 1000, era muito superior à média francesa. 11.000 dos 27.000 óbitos anuais, aconteciam em hospitais, o que constituía uma proporção considerável, se nos lembrarmos do terror que inspirava ao povo este lugar.

Na véspera da Revolução de 1848, contava-se em Paris 300.000 indigentes. A cidade estava minada pelas feridas morais sempre abertas, o abandono de crianças, a prostituição; a prática corrente de concubinação entre os trabalhadores e gente do povo. Seria preciso ver estas desgraças e estas misérias para compreender a vocação caritativa e social de Frederico Ozanam.

Muito naturalmente, esta cidade, de tradição revolucionária cujas ruas estreitas eram propícias às barricadas, foi teatro de convulsões sociais: Frederico assistiu às insurreições operárias - 1832, 1833 e 1834, assim como à aplicação das duras leis da polícia, depois do atentado perpetrado, em julho de 1835, por Fieschi, contra a pessoa do Rei Luís - Felipe.

Compreende-se que, nesta Paris tão negra, Frederico Ozanam tenha estado, ao princípio, confundido, desencorajado, assustado. Por outro lado, a sua sensibilidade suportava mal a solidão e, sobretudo, o afastamento dos que ele amava: *"Eu, tão habituado às conversas familiares..., estou abandonado, sem apoio, sem ter com quem desabafar, nesta capital do egoísmo, neste turbilhão de paixões e erros humanos."* *"Como meus pais me fazem falta. Ainda sou muito jovem para poder me habituar a encontrar, ao entrar em minha casa, tudo deserto e deitar-me sem ter ninguém a quem dizer tudo que trago no coração. Separado daqueles que eu amava não posso achar raízes neste solo estranho; falta na minha casa um não sei o quê de infantilidade; tenho necessidade de viver no lar doméstico à sombra de meu pai e da minha mãe e de qualquer outra coisa que murcha como o ar da capital"*.

Felizmente, no "Quartier Latin", onde morava Ozanam, havia uma população de 5000 estudantes. Muitos eram de Lyon; e foi no seio da colônia lionesa, junto a André Marie Ampère, que lhe abriu a sua casa, Frederico encontrou a alegria de viver e pôde conservar sua fé cristã.

Paris era então considerada como "uma capital de incrédulos": o voltarianismo de uma parte importante da burguesia, poderosa dirigente, assim como de uma maioria de universitários, faziam uma atmosfera à qual Frederico não pôde subtrair-se a não ser na companhia de cristãos convictos como Emmanuel Bailly e André-Marie Ampère, ou na companhia de intelectuais católicos liberais, em casa dos quais admirava a aliança harmoniosa da fé, da eloquência, da coragem, da liberdade de espírito e de expressão: Felicidade de Lamennais, Henrique Lacordaire, Carlos de Montalembert, Lamartine.

Foi escutando esses mestres que Frederico se convenceu de que *"é necessário que de algures surja uma palavra de um crente, que um ensinamento religioso seja dado, a um nível de competência e notoriedade que faça frente às doutrinas racionalistas difundidas pelos mestres das cadeiras oficiais"*. (Marcelo Vincent).

Mas Frederico estava em Paris principalmente para completar seus estudos. Licenciado em Direito (1834) e em Letras (1835) Doutor em Direito (1836) e em Letras (1839), exerceu em 1837, a profissão de advogado no Tribunal de Lyon. Foi nesta cidade que, em 1838, ele passou a ser titular da cadeira de Direito Comercial. A partir do ano seguinte, admitido ao concurso de agregação à faculdade de Letras, orientou-se para o ensino literário. Pouco antes de seu casamento, foi nomeado, em 9 de outubro de 1840, substituto de Claude Fauriel, na cadeira de Literatura estrangeira na Sorbonne. Os jovens esposos instalaram-se em Paris onde Frederico passou a titular em 1844 e recebeu a graça, em 1845, do enriquecimento do seu lar com o nascimento da encantadora Maria.

Frederico, que durante muito tempo foi alérgico à capital, admitiu então que Paris era verdadeiramente *"onde tudo está em atividades, idéias, os trabalhos de espírito, as conversas, enfim, as relações da sociedade, mesmo as menores"*.

Um Homem todo Coração

Frederico foi todo amor. Durante toda a sua existência o seu ser vibrava ao contato com amigos, parentes, estudantes. Centenas de vezes, nas suas cartas, exprimiu a sua necessidade dos outros: *"Eu sou do número daqueles que têm a necessidade de se sentir acompanhados, apoiados e Deus não me deixou sem esses apoios"*. E ainda, quando tinha apenas dezoito anos, a Augusto Materne: *"Oh, meu amigo, que a lei do amor seja a nossa e calcando aos pés a vã glória, o nosso coração não arderá senão para Deus, para os homens e para a verdadeira felicidade"*.

Uma Rede de amizades

Na vida de Frederico, a amizade e o amor foram sempre indissociáveis. É raro na história cristã, na história dos santos, em particular, encontrar uma sensibilidade igual à sua, sempre em consonância com as alegrias e as dores daqueles que ele amava. Pode-se ver, sem duvidar, o seu lado franciscano, sempre presente ao longo de toda a sua existência.

Os seus numerosos amigos parecem ter formado, à volta deste ultra-sensível, um círculo fraterno e caloroso. O seu afastamento foi sempre muito curto: um nascimento, um casamento ou então a provação em uma doença, um luto e eis Frederico todo inteiro tomado pelo acontecimento. Pensava que *"Deus pôs na nossa alma, duas necessidades: são necessários parentes que nos acariciem, mas são necessários também amigos que nos sejam próximos: a ternura que nos vem do sangue e a afeição que procede da simpatia são dois prazeres sem os quais não saberemos passar e um não pode substituir o outro"*.

Ele dizia a Henrique Pessonneau: *"Tenho o hábito muito querido de me identificar com meus amigos, de os tornar como uma segunda família, de me cercar deles para encher o vazio que a infelicidade me faz..."*. E a Prosper Dugas, dez anos mais tarde: *"nunca fui capaz de viver sem amigos"*.

E a mais antiga das amizades de Frederico, as mais duráveis, porventura as mais doces pois que as tinha desde a infância, foram as lionesas. À frente, os dois primos Henrique Pessonneau e Ernesto Falconnet.

Como primeiros companheiros dos jogos nas colinas da Croix-Rousse - como Pedro Ballofet-estavam no coração de Frederico, os amigos do colégio : José Arthaud, Prosper Dugas, Augusto Materne, Hippolyte Fortoul (futuro ministro de Napoleão III), Armando Chaurand, Luís Janmot, Antonio Bouchacout... Instalados em Paris, ele encontrou alguns na colônia lionesa do Quartier Latin e também alguns novos.

Mantendo com os seus amigos de Lyon uma correspondência regular e sempre calorosa, Frederico reencontrou na casa de Ampère ou na de Carlos Montalembert, jovens provincianos com os quais se ligou; em 19 de março de 1833, informava Ernesto Falconnet: *"Nós somos uma dezena, unida estreitamente pelos laços do espírito e do coração, espécie de cavalaria literária, amigos devotados que não têm segredos, que abrem a sua alma para dizer tudo sobre as suas alegrias, suas esperanças, suas tristezas"*. Ele evocava nas suas cartas as intermináveis noites de discussões e de troca de impressões à luz da lua nas proximidades do Panteão.

Um Amor Familiar

Em relação a seu pai e sua mãe, Frederico Ozanam manifestava uma dedicação extraordinária. O seu desaparecimento provocou-lhe uma perturbação que ele traduziu em termos comovedores. No dia seguinte à morte de seu pai, em 1837, confiava a Ernesto Falconnet : *"Que solidão, aqui em diante, sobre a terra! Que vazio à nossa volta e sobre nós! Vemo-nos ao nível dos vulgares, sem uma cabeça que ultrapasse as outras, sem mãos que se estendam. Ter vivido vinte e quatro anos à sua sombra e ao seu abrigo e encontramos-nos, de repente, desprotegidos na hora das tempestades! O oráculo doméstico tornou-se mudo, a Providência da família tornou-se invisível! Podem encontrar-se aflições, mais vivas mas nunca desolação assim!"*

A morte de sua mãe, em 1839, aprofundou mais ainda o seu sofrimento; escreveu ao seu amigo Eduardo Reverdy: *"Oh meu amigo! Tornamo-nos órfãos! Que momento este! Que lágrimas! Que soluços! A nossa idade pareceria dever tornar-nos, ao meu irmão mais velho (Afonso) e a mim, mais firmes, mais corajosos. Mas vivíamos tanto da vida da família, sentíamos tão bem sob as asas da nossa mãe, que nunca nos separávamos sem pensar voltar ao ninho natal..."*

Frederico transportará o seu afeto filial para seus sogros. Nas suas cartas ele chama "Meu bom Pai, minha amada Mãe". A 23 de junho de 1841, depois de haver hesitado muito tempo em comprometer-se, desposou, em Lyon, Amélia Soulacroix, filha do reitor da academia de Lyon. Este acontecimento e depois o nascimento da pequena Maria (25 de junho de 1845), amadureceram e transformaram o homem: Ozanam tornou-se menos ansioso, ainda mais aberto.

É assim que Frederico nos aparece não como um santo desencarnado, mas como um cristão a quem o amor conjugal e paternal fizeram jorrar novas fontes de ternura e de atenção aos outros. Quando falava da mulher, ou da sua filha, era em termos muito vivos. Ei-lo, por exemplo, a descrever ao seu amigo Falconnet o nascimento de sua filha Maria: *"Caro amigo, conhecerás estas emoções*

ao fim de varias horas de dores horríveis..., ouve-se o último grito da mãe e o primeiro do recém-nascido, quando se vê, de repente, aparecer esta pequena criatura, mas esta imortal de que nos adivinhamos depositários. Há! passa-se então um não sei o quê no fundo das entranhas, não metaforicamente. Mas de fato, fisicamente, terrível e realmente doce. Há uma perturbação de todo o organismo e de toda a alma e sente-se como que a mão de Deus que nos modifica interiormente e que nos forma um coração novo..."

Quando Amélia, a quem ele chama "minha bem-amada", "minha terna bem-amada", "minha bela e querida alma", está ausente ou que ele próprio está longe dela, que ternura nostálgica se exprime nas cartas que Frederico lhe enviava! Por exemplo, em julho de 1884: "*Minha bem-amada, esperava com todo ardor da esperança a tua querida carta desta manhã: não me dizes se dormiste bem, se a tua indisposição é mais grave que habitualmente. Como vão os teus pobres olhos? Mas tu me dirás na tua próxima resposta breve...*"

Acontecia-lhe mesmo exprimir-se em poemas. Não é por acaso, porque este escritor romântico, tão apaixonado pela Itália, interessou-se muito pelos poetas franciscanos da Itália do século XIII. A sua correspondência nunca era banal, abundava em descrições ao mesmo tempo precisas, coloridas, pessoais, calorosas das cidades e dos países visitados, das paisagens e monumentos admirados. Sob sua caneta, a montanha, o mar, Florença, Pisa, Roma, Burgos, Biarritz parecem seres vivos, ou pelo menos seres possuidores do gênio do homem e da grandeza de Deus.

Um profeta cristão

O carisma de Frederico Ozanam

Um profeta, segundo a Bíblia, é um homem que, inspirado por Deus, nos tempos difíceis, desolados ou agitados, pronuncia, grita palavras fortes, incomoda para fazer refletir os seus concidadãos, devolver-lhes a esperança, denunciando, ao mesmo tempo, as facilidades, as preguiças.

Uma consciência clara de sua vocação

Neste sentido, pode verdadeiramente dizer-se que Frederico Ozanam foi um profeta, mas um profeta cristão. Como ele afirmava em uma carta a Ernesto Falconnet, em 1834: "*As ideais religiosas não poderiam ter nenhum valor, se não têm valor prático e positivo. A religião serve menos para pensar do que para agir...*" Ainda jovem, Frederico sempre pensou que tinha de sair de si próprio, confundir-se com o mundo e com aqueles que o habitavam, para lhes pôr à disposição a luzes e as forças que, apesar de sua indignidade, Deus lhe havia concedido. Tinha 18 anos quando confidenciava ao seu amigo Fortoul: "*Assim que meus olhos se voltam para a sociedade, a variedade prodigiosa dos acontecimentos faz nascer em mim os mais diversos sentimentos... Estas considerações, animam-me e penetram-me de uma maneira que me entusiasma. Digo a mim mesmo que é grande o espetáculo para que fomos chamados; que é belo assistir a uma época tão solene, que a missão de um jovem na sociedade hoje é muito grave e muito importante... Alegro-me de ter nascido em uma época onde, talvez, terei muito bem a fazer e por isso sinto um novo ardor pelo trabalho.*"

"Para empenhar neste projeto de regeneração da sociedade, filha bastarda da ideologia das "Lumières", são precisos jovens cristãos de coração entusiásticos e de armadura bem temperada. Sem se apresentar como modelo, Frederico tem a consciência de ter sido conduzido, pela graça, até ao ponto onde não podia jamais duvidar nem da força, nem da sua vocação. (Marcel Vincent).

Uma fé robusta e radiosa

Tendo reencontrado a fé, sonhava com uma verdadeira renovação do catolicismo: "cheia de juventude e força, levantar-se-á de repente sobre o mundo, por-se-á a cabeça do século, renascendo para conduzir à civilização, à felicidade". No dia seguinte a revolução de 1830 e à chegada do rei-burguês, pode isto parecer utopia sem fundamento. Em Frederico, esta visão possuía a lucidez onde encontrava o seu segredo, a sua força numa fé cristã renovada.

Neste coração nada interceptava a luz. Em uma carta de 1852 ao seu amigo Carlos Hommais, declarava: "*estou completamente convencido pelas provas interiores do cristianismo. Assim chamo esta experiência de cada dia que me faz encontrar, na fé da minha infância, toda a força e toda a luz da minha idade madura, toda a santificação das minhas alegrias domésticas, toda a consolação das minhas dores.*"

Nesta carta encontra-se a famosa frase: "*Nós temos duas vidas, uma para procurar a verdade, a outra para a praticar.*" Em uma época de incredulidade, onde a instituição eclesial é achincalhada, a fé solidamente ancorada de Frederico desabrochava naturalmente no seio da Igreja, "a minha igreja"

como gostava de dizer. Esta não podia ser para ele senão a Santa Igreja Católica Romana, no seio da qual foi batizado, educado, instruído e que, a seus olhos, tinha a imensa superioridade de ter à cabeça um Pontífice, cuja autoridade é o reflexo de Deus.

Se era católico liberal - um católico convencido da aliança natural entre o Evangelho, a Igreja e a liberdade - Frederico Ozanam era também um católico romano, avançado como se dizia na sua época: como muitos outros, encontrava em Roma o lugar resplandecente, o centro vivo de um cristianismo autêntico. Eis que, em 1846, chegou ao Sumo Pontificado um Papa - Pio IX - que era, ao mesmo tempo, jovem, liberal e decidido a fazer do papado o supremo recurso da humanidade em perdição.

A devoção de Frederico por Pio IX - que o recebeu muitas vezes em Roma, foi a medida de esperança que ele pôs na Igreja Católica.

Quando falava disso, com fervor, entusiasmo: "O Papa", escrevia em 1847 ao seu amigo Jean-Jacques Ampère, *"como eu o vejo, é como o maior dos seus antecessores, penetrado de uma fé profunda no seu título de vigário de Jesus Cristo e de um enorme sentimento da sua indignidade... Ele deixa semi-apagar esta qualidade de príncipe temporal que talvez parecesse bem desde de Julio II e Leão X e que tinha contribuído para levantar tantas dúvidas a nós e a outros. E, ao mesmo tempo, reencontra-se nele, mais notório que nunca, o bispo de Roma, esta autoridade paternal e desinteressada que ninguém terá coragem para odiar, e à qual é bem difícil não se render."*

Um compromisso corajoso

A lucidez de Frederico, alimentada pela fé, só era igualada pela sua coragem; uma coragem que os seus contemporâneos não esperavam encontrar em um homem instalado profissionalmente e de saúde frágil. Coragem no seio de uma Igreja então muito clerical, por considerar que, como leigo, tinha uma missão própria. Coragem de denunciar as inércias de um clero que as vantagens da Concordata de 1801 davam tendência a tornar-se menos sensível aos males deste mundo. Não hesitou em interpelar o irmão mais velho, o Abade Afonso: *"Não preencheis verdadeiramente a vossa missão... Se um maior número de cristãos e, sobretudo de eclesiásticos se tivessem ocupado dos operários desde há dez anos, estaríamos mais seguros do futuro..."* e ainda *"é preciso que os párocos renunciem às suas pequenas paróquias burguesas, rebanhos de elite no meio da população que desconhecem..."*

Estas posições corajosas reforçadas pelas opiniões políticas - a democracia cristã e social - de Frederico fizeram nascer inimizades tanto nos católicos conservadores como entre aqueles que se referiam a um socialismo independente da Igreja. Não quer dizer que, aos olhos de muitos homens de sua geração, ele não aparecesse como um guia. Ele próprio já reconhecia, com sua costumada humildade, em uma carta de 1834 a Ernest Falconnet: *"Estou cercado, de certa maneira, de seduções de toda a espécie; solicitam-me, disputam quem me terá, põem-me à frente... Porque Deus e a educação me deram certo tato, certa maleabilidade de ideais, certa margem de tolerância, querem fazer de mim uma espécie de chefe da juventude católica deste país; muitos jovens, cheios de mérito, concederam-me uma estima da qual me sinto muito indigno... No entanto, vistas as circunstâncias exteriores, não será isto um sinal da vontade de Deus?..."*

Fé e Caridade

Os Pobres, face de Cristo

Aos olhos de Frederico Ozanam, a fé sem caridade não tinha o menor sentido. Por isso, quando ele se dirigia aos seus jovens amigos, os seus conselhos depressa se tornavam consensos: *"A terra está fria, somos nós, católicos, que temos de reavivar o calor vital que se extingue, somos nós que temos de recomeçar a grande obra de regeneração, nem que recomece a era dos mártires..."*

Ficaremos nós indiferentes no meio de um mundo que sofre e que geme? - "E nós, meus caros amigos, não fazemos nada para nos parecermos com os santos que amamos?..."

Se não sabemos amar a Deus...porque parece que é preciso ver para amar, e nós não vemos Deus senão pelos olhos da fé e a nossa fé é tão fraca! Mas os pobres, a esses os vemos com os olhos da carne! Estão ali e podemos pôr a mão, nas suas feridas e os traços da Coroa de espinhos está visível na sua fronte; aqui a incredulidade não tem lugar e deveríamos cair a seus pés e dizer-lhes como um apóstolo "Meu Senhor e meu Deus", vós sois os nossos mestres e nós seremos os vossos servos; vós sois para nós a imagem sagrada desse Deus que nós não vemos e, não sabendo amar de outra maneira, nós amaremos nas vossas pessoas..."

Estas admiráveis palavras são o eco de São Vicente de Paulo. Este santo, cuja casa natal, em Pony, nas Landes, seria o fim da última peregrinação de Frederico, em Novembro-Dezembro de 1852. Este

santo que se tornou o modelo, o protetor da Conferência de Caridade da qual Frederico Ozanam foi, em 1833, um dos promotores e que viria a desabrochar nos quadros da Sociedade de São Vicente de Paulo.

A caridade, filha da fé

Frederico agarrava-se muito à defesa da fé católica. Foi por isso que, com numerosos estudantes que a partilhavam com ele, se dirigiu em 1833 ao Arcebispo de Paris, Mgr. de Quélen, para ele fazer uma prédica forte e convincente dirigida ao grande público - em particular - à juventude - na catedral de Notre Dame de Paris. Foi assim que nasceram, depois de dois anos de negociações, as célebres "Conferências de Nossa Senhora" às quais Henrique Lacordaire deu, logo de seguida, cartas de nobreza.

Pelo seu lado, Emmanuel Bailly reuniu na praça da Estrapade um círculo literário - as "Conferências de História" - aberto a jovens de todas as opiniões. Ozanam participou delas, impôs-se e defendeu-se contra as opiniões contrárias. Aí nasceu a "Conferência da Caridade" que mostrará aos incrédulos que a fé cristã é naturalmente ativa e que será, para os seus membros, uma fonte de santificação.

A Sociedade de São Vicente de Paulo

Em 23 de Abril de 1833, dia do aniversário de Frederico Ozanam, aconteceu a primeira reunião na rua Petit-Bourbon Saint-Sulpice, 18, no escritório do jornal católico "A Tribuna Católica", onde Emmanuel Bailly era o redator chefe. A sua volta, seis estudantes dos 19 aos 23 anos: Francisco Lallier, Frederico Ozanam, Júlio Devaux, Felix Clave, Auguste le Taillandier, Paulo Lamanche.

Este pequeno grupo de jovens colocou-se, menos de um ano após sua fundação, sobre a proteção de São Vicente de Paulo a cujo espírito e exemplo foram buscar inspiração. A Sociedade de São Vicente de Paulo tinha acabado de nascer.

O seu primeiro presidente foi Emmanuel Bailly, mas a figura principal era sem contestação a de Frederico Ozanam, graças ao seu brilho e à sua atividade. Recusou sempre ser considerado "o" fundador de uma Sociedade que, segundo ele, não devia ser *"nem um partido, nem uma escola, nem uma confraria... Profundamente católica sem deixar de ser leiga."*

Foi então que se deu o encontro providencial dos pioneiros da Conferência da Caridade com a célebre irmã Rosália Rendu, "mãe de todo um povo" das casas pobres da rua Mouffetard, subúrbio de Saint Marceau, próximo da **igreja de Saint-Étienne du Mont**, onde se fundou a primeira Conferência.

A irmã Rosália compreendeu a vocação dos jovens, entusiastas e generosos. Levou-os até os pobres e ensinou-lhes a maneira de servi-los com amor e respeito, na mais autêntica tradição do "Senhor Vicente".

Sempre muito ocupado, Frederico será um membro do Conselho Geral da Sociedade, em 1844, com Cornudet, Vice-Presidente Geral, mas nunca será Presidente Geral, salvo em um pequeno período após os dias das insurreições de Junho de 1848, durante os quais o Presidente Adolfo Baudon foi ferido.

Ele aproveitou este mandato para lembrar as exigências da Caridade: discrição, delicadeza, respeito da dignidade das pessoas, exclusão de todo o proselitismo fora de propósito. *"Não introduzamos a religião nos nossos trabalhos a não ser quando ela surgir naturalmente..."*

"Nos acatelemos que, no nosso zelo de fazermos cristãos, não façamos senão hipócritas". Aos olhos de Ozanam, a visita aos pobres no seu domicílio, função essencial dos vicentinos, deve ser feita em um espírito de humildade.

De 1836 até o fim de 1837, Frederico animou a única Conferência lionesa que, nesse mesmo ano, decidiu dividir-se em duas. Um Conselho Particular foi então constituído e colocado sob a sua presidência até 1839, data em que foi substituído por José Arthaud.

De uma infatigável devoção, ele juntava à visita aos pobres a ajuda aos estrangeiros de diversas nacionalidades que passavam pela cidade, a instrução religiosa às crianças, a evangelização dos militares. Isto não o impediu de seguir de perto a caminhada da Sociedade, enviando as atas destinadas às Assembléias Gerais, sugerindo que fosse feito um relatório anual, redigido em Paris, pelo Secretário Geral, multiplicando os conselhos judiciosos como: *"não se fazer ver, mas deixar-se ver"* pois, se se aborrecia com a propaganda, tinha horror à clandestinidade.

De regresso a Paris, após seu casamento, em 1841, Frederico continuava a consagrar-se à

Sociedade, partilhando com sua esposa, Amélia, a sua ardente caridade para com os mais desfavorecidos. Quando, devido a problemas de saúde ou pela profissão, ele se deslocava à província ou ao estrangeiro, considerava como obrigação assistir às reuniões das conferências locais.

Todos os anos, ou quase, ele evocava os "humildes começos" da Conferência de Caridade, em volta de Bailly, se maravilhando com o "pequeno arbusto" que se tornou "grande árvore".

Ozanam escreveu em 1841: "Foi há oito anos que se formou a primeira Conferência de Paris: éramos sete, hoje contamos com mais de 2.000 jovens...". E em 1845: *"Esta Sociedade, fundada há doze anos por oito jovens desconhecidos, conta cerca de 10.000 membros em 133 cidades; estabeleceu-se na Inglaterra, na Escócia, na Irlanda, na Bélgica, na Itália..."*

Na curta, mas intensa vida de Frederico, a Sociedade de São Vicente de Paulo ocupou um lugar de maior destaque. Quando falava dela era sempre com amor. Em 1847, ele anunciou, na sua qualidade de Vice-Presidente, a demissão do Presidente Jules Gossin e propôs, aos presidentes das diversas Conferências, a eleição de Adolfo Baudon. Foi com grande emoção que fez a seguinte descrição da *"sociedade católica mas leiga, humilde mas numerosa, pobre mas cheia de pobres a ajudar, sobretudo em um tempo em que as associações de caridade têm uma missão tão grande para o renascimento da fé, para o suporte da Igreja, para o apaziguamento dos males que dividem os homens."*

Fé e Ciência

Uma Sede de Cultura

Frederico Ozanam foi um sábio, no sentido pleno do termo. Em sua casa, a avidez do saber era indissociável da vontade de estarem a serviço da Verdade Cristã e mais ainda, de mostrarem pelos seus trabalhos e pelo ensino universitário, a aliança natural da fé com a ciência moderna.

Se Frederico, estudante, seguiu no "Jardim Botânico" cursos de química e botânica, também aprendeu Sânscrito afim de decifrar textos sagrados dos hindus; se ele devorava, ao lado das obras dos apologistas cristãos como Bonald, Maistre, Ballanche, Görres ou Baader, obras de concepção materialista, ou quando ele estudava Romanos ou os melodramas em moda, foi sempre com vista a realizar o seu sonho de adolescente: *"demonstrar a verdade da religião católica pela antiguidade das crenças históricas, religiosas e morais."*

Ficamos admirados por, aos 20 anos, nas *"Conferências de Historia"* que foram o prelúdio das *"Conferências de Caridade"*, ele tratar de assuntos tão difíceis como a mitologia em geral, a religião de Confúcio e de LaoTseu, a filosofia religiosa indiana, a Reforma de Buda. Mas será preciso ir mais além no tempo, pois foi aos 17 anos, em 1830, que ele publicou as primícias das suas obras em *"A abelha francesa"*, fundada em Lyon por Legeay e o Abade Noirot: ele publicou, em cinco fascículos, um estudo sobre *"A verdade da religião cristã"* provada pela conformidade de todos os crentes. No mesmo ano, assinou poemas sobre Joana d'Arc (com o pseudônimo de Manazo, anagrama de Ozanam) e um poema, em versos latinos, sobre a conquista de Jerusalém por Tito. Em 1831, publicou estudos diversos sobre a linguagem e o pensamento, a filosofia da linguagem e sua ação na sociedade e, ainda, um importante artigo, no jornal lionês "O precursor" sob o título *"Reflexões sob a doutrina de Saint - Simon"*.

Depois de ter apresentado em 1836 as suas teses de doutoramento em Direito, uma em latim (*De interdictis*) e outra em francês (*As ações possessivas*), Frederico orientou-se cada vez mais para Letras e História. Aos 24 anos, impunha-se já como um dos melhores conhecedores de Dante e da *"Divina Comédia"*. Sendo professor em Lyon do curso de Direito Comercial, ele assinou ainda diversos artigos no "L'Univers", designadamente *"A Relação do protestantismo com a liberdade."*(1838)

Foi então que se apresentou no horizonte de Frederico a possibilidade de ser professor na Universidade de Paris. Após ter defendido, em 1839, duas teses: uma em Latim : *"De frequenti apud veteres poetas heroun ad ínferos descensu"*, outra em francês "Ensaio sobre a filosofia de Dante" e as suas dissertações para a agregação à Faculdade de Letras (1840), em latim, sobre *"As causas que pararam o desenvolvimento da tragédia entre os Romanos"*e em francês sobre *"O valor histórico das Orações fúnebres de Boussuet"*, orientou-se decididamente para as literaturas estrangeiras. Em uma carta a Ampère, ele confessava que dominava bem a língua italiana e alemã, lia com facilidade

o inglês e o espanhol e que tinha *"alguns conhecimentos das línguas orientais"*. Com efeito, ele conseguia ler a Bíblia em hebraico.

Assim, aos 27 anos, foi suplente de Claude Fauriel - um dos renovadores da história literária na França - na cadeira de Literatura Estrangeira na Sorbonne.

Com a morte deste mestre e amigo, em 1844, Frederico sucedeu-lhe como titular dessa cadeira, o que lhe inseriu plenamente na linha de seus desejos. A Jean - Jacques Ampère, ele já escrevia, em 1840, que a *"secreta esperança"* do seu coração era o estudo aprofundado da civilização italiana e alemã com a perspectiva de um *"nobre estudo"* comparativo: *"Roma e os bárbaros"*, *"O Sacerdócio e o Império"*, *"Dante e os Nibelungen"*, *"Tomás de Aquino e Alberto o Grande"*, *"Galileu e Leibniz"*; *"antítese sustentada, feliz oposição, de que o resultado é a sociedade moderna com as suas artes, as suas ciências e a sua legislação"*.

Esta erudição rigorosa estava de acordo com um ensino exigente. Tendo escolhido como assunto dos seus primeiros cursos os *"Nibelungen"*, ele próprio se obrigou a ir à Alemanha. De Mayence, escreveu, em 14 de Outubro de 1840, que foi para ele *"um caso de consciência literária"*. No fim da sua curta existência, quando já se encontrava doente e as condições climáticas eram deploráveis, foi a Espanha para completar a sua documentação sobre a Cultura Hispânica da Idade Média. A sua última viagem, a Itália, da qual só regressou para morrer, foi motivo para uma longa busca na biblioteca de Pisa, sobre as origens das Repúblicas Italianas. Como Fauriel, Ozanam aspirava ao universal. A sua curiosidade estendia-se das fontes orientais do pensamento de Dante às fontes do pensamento de Avicenne e Averrões.

Mas ele tinha no seu espírito esta certeza: Foi a Igreja que recolheu a herança da Antiguidade e do Paganismo bárbaro. Esta universalidade, junto a uma grande abertura aos outros, valia-lhe uma audiência e uma vocação internacionais. Permitia-lhe, também ficar no eixo da grande Sociedade de São Vicente de Paulo: quer fosse em Paris, em Genebra, em Londres ou em Livorno, ele visitava as conferências às quais a sua calorosa presença levava um aumento de coragem.

Como todos os professores, todos os eruditos dignos da sua vocação científica, Frederico sonhava com uma vasta obra à qual dava o melhor de si mesmo. Segundo as suas próprias palavras, tratava-se de *"uma grande coisa"*: *mostrar o cristianismo "civilizando os Bárbaros pelo seu ensinamento, transmitindo-lhe a herança da Antiguidade, criando, com a vida religiosa e a vida política, a arte, a filosofia e literatura da Idade Média."*

O livro chamar-se-ia *"História da Civilização Cristã dos Povos Germânicos"* (antes e sob o domínio Romano) e o *"Estabelecimento do Cristianismo na Alemanha"*. Um segundo volume seria: *"O Estado"* ou a constituição do Império, de Carlos Magno até a Hohenstaufen e *"As cartas"*, com a formação das escolas monásticas e o florescimento da literatura eclesiástica.

O primeiro volume estava quase concluído no Verão de 1846, quando ele adoeceu e partiu para Itália, à procura de documento sobre a cultura da Península entre os séculos VII e X. No seu regresso, graças aos cuidados devotados de Ampère, apareceu o primeiro volume (1847). O segundo, começado em 1848, foi redigido no tumulto dos acontecimentos e a preço de um esforço sobre humano. Reunidos sob o título comum de *"Estudos germânicos"* (abril de 1849), os dois volumes são galardoados com o Prix Gobert da Academia das Inscrições e Belas Artes.

Frederico não parava. Sonhava com *"um grande fresco que abarcaria a História da Civilização desde os tempos bárbaros até à época de Dante."* Primeira etapa: a publicação, em 1850, de *"Documentos inéditos para ajudar a história literária de Itália desde o século VIII até ao século XIII"*. Seus artigos sobre *"os poetas franciscanos em Itália do século XIII"* e o seu curso sobre *"A Civilização no século V"*, serão publicados em dois volumes após a sua morte.

O Ensino considerado como um sacerdócio

Ao mesmo tempo em que Ozanam desempenhava o humilde trabalho de universitário, com a acumulação dos exames, a longa preparação dos cursos, a fadiga dos discursos públicos, foi recompensado pelo respeito dos componentes do seu grande auditório, sensível à sua erudição, à sua consciência profissional, à suas clarividência, e também à sua eloquência. Eloquência conquistada sobre a sua timidez, aprendida durante as suas intervenções de advogado, mas oriundas, muito mais profundamente, do entusiasmo daquele que comunica a sua ciência e sua fé.

Um episódio ilustrou o que atrás se diz: em 1852, no dia seguinte ao golpe de estado de Luis Napoleão, a Sorbonne estava à beira de um motim; e exaltação era tal que os professores não queriam dar aulas. Gravemente doente, Ozanam foi à faculdade e, perante os estudantes, pronunciou estas palavras admiráveis: *"Senhores, censuram ao nosso século ser um século de egoísmo, e diz-se que os professores padecem da epidemia geral. No entanto, é aqui que alteramos a nossa saúde."*

É aqui que gastamos nossas forças. Eu não me queixo."

"A nossa vida, a minha vida, pertence a nós, devemos-la a nós até ao último suspiro e a termos. Quanto a mim, senhores, se eu morrer, será ao serviço de vocês."

Com seus colegas da Sorbonne, Frederico tem uma atitude idêntica, feita de consideração e respeito: mesmo testemunhando a sua fé católica, aceita que alguns não sejam mesmo descrentes. A este propósito escreveu: *"É grande o número daqueles que duvidam. Deve-se a eles a compaixão que não exclui a estima."*

Fé e Democracia

No dia seguinte à revolução de 1830, Frederico Ozanam afirmou-se como católico liberal, quer dizer, um fiel que, sendo filho, amante e submisso, da Igreja, considerava que os princípios de 1789 - Liberdade, Igualdade, Fraternidade - eram traduções modernas do espírito evangélico. O seu mentor era Felicite de Lamennais, padre bretão de intuições proféticas, do qual Frederico se afastará quando ele deixou a Igreja.

A Aliança do Catolicismo e da Liberdade

Em Lyon, cidade onde Lamennais tinha numerosos partidários, o jovem Frederico leu "O Futuro" aderindo com entusiasmos às teses políticas dos seus redatores: Lamennais, Montalembert, Lacordaire, Gerbet.

Grande momento de felicidade foi quando em "O Futuro" de 24 de Agosto de 1831, Frederico encontrou uma comparação muito elogiosa, feita por Lamennais, do seu ensaio *"Exposição da doutrina de São Simão"*. O mestre cumprimentava no jovem lionês alguém que "desde o princípio" se colocou no "horizonte intelectual do século XIX" e, quando de uma discussão filosófica, "misturou os acentos de uma bela alma, cheia de vida e esperança..."

A partir de janeiro de 1832, Ozanam participou nas conferências do abade Gerbet, sobre a filosofia da História: elas consolidavam-se no sentido de Igreja que assim é sustentado e esclarecido por uma ampla visão do mundo que a Igreja deve penetrar com a sua ação.

A 10 de fevereiro desse mesmo ano exprimiu seu entusiasmo ao seu amigo Ernesto Facolnnet: *"O sistema lamenesiano é aliança imortal da fé e da ciência, da caridade e da indústria, do poder e da liberdade. Aplicado à história, a põe em evidência, descobre aí os destinos do futuro."*

Esperança de uma regeneração pela Democracia

Durante a monarquia de Julho (1830 - 48) - regime que ele deplorou pelo conservadorismo egoísta - Frederico não deixou a via na qual se comprometia desde 1830. A sua correspondência é abundante em fórmulas fortes, como aquela atada de 21 de julho de 1834: *"Penso que, em face do poder, é preciso também o princípio sagrado da liberdade penso que se deverá advertir, com uma voz corajosa e severa, o poder que explora em vez de se sacrificar; a palavra é feita para ser digna e opor-se à força; é o grão de areia onde o mar se quebra..."*

Ozanam sabia bem que tal atitude provocava afastamentos e descontentamentos. Lembremos que nesta época o arcebispo de Paris era o Monsenhor Quélen, prelado muito agarrado ao antigo regime, e que Monsenhor Affre, que lhe sucedeu, estava em harmonia com as ideais de Ozanam.

Frederico foi surpreendido com a falta de vitalidade, senão mesmo indiferença, de muitos crentes que não entendiam que uma subversão fundamental se preparava na sociedade. Quando se aproximada o ano de 1848, ao voltar de Roma cheio de admiração do que viu, ele queria que todos os católicos franceses apoiassem o Papa Pio IX que, segundo a sua opinião, não era somente o libertador da Itália, mas o Papa que iria selar a nova aliança entre a Religião e a Liberdade, o Cristianismo e a Democracia, a imagem do acordo entre a Igreja e os Bárbaros.

Passemos aos Bárbaros

Foi nesta perspectiva que Frederico entrou na política assinando, em 10 de fevereiro de 1848, no "Correspondente", um artigo que teve muito eco e onde ele se mostrava que a passagem dos bárbaros ao cristianismo, entre o século IV e o século IX, tinha uma forte analogia com o que em 1848 levou Roma a voltar-se para as massas populares, *"queridas à Igreja, pois elas são o número, o número infinito de almas que é preciso para conquistar e salvar; pois elas são a pobreza que Deus ama e o trabalho que faz a força". Concluía com este grito "Vamos aos Bárbaros e sigamos Pio IX"*.

Esta frase teve muito bom acolhimento, mas criou certos receios também, pois as classes trabalhadoras eram, aos olhos de muitos cristãos, as classes perigosas. Alguns não deixaram de o dizer a Ozanam que, em uma carta, de 22 de fevereiro de 1848, na véspera do desencadear da Revolução, dirigida a seu amigo Teófilo Foisset, se explicava: *"Ao dizer vamos aos Bárbaros, eu peço que façamos como ele (o Papa Pio IX), que em vez de defendermos os interesses de um ministério doutrinário, ou de uma Câmara assustadora, ou de uma burguesia egoísta, nos ocupemos do povo que tem tantas necessidades e tão poucos direitos, que reclama com razão uma parte maior dos interesses públicos, as garantias do trabalho contra a miséria... É no povo que vejo ainda alguma fé moral para salvar uma sociedade na qual as classes mais elevadas estão perdidas..."*

Um mês mais tarde repetia a seu irmão Carlos Afonso, quando a segunda República se estabeleceu: *"É uma má aliança a dos católicos com a burguesia vencida; seria melhor apoiar-se no povo que é o verdadeiro aliado da Igreja, pobre como ela, devoto como ela, abençoado como ela com todas as bênçãos do Salvador"*.

A encíclica "Rerum Novarum" sobre a condição da classe operária, do Papa Leão XIII, publicada a 15 de março de 1891 faz muitas vezes eco do pensamento social, generoso e fraterno de Frederico Ozanam, sobre a injustiça, as desigualdades, a dignidade do trabalho, o salário justo, os impostos equitativos, o direito à propriedade, o alívio dos sofrimentos dos menos favorecidos.

Estes ideais foram novamente apresentados nas encíclicas "Quadragesimo anno" de Pio XI, em 1931 e "Centesimus annus" de João Paulo II, em 1991.

"A Nova Era" - O Compromisso Político

Frederico, ainda que não tendo nenhum gosto natural, nenhuma competência especial para a política, aceitou, sob pressão dos seus amigos, mas sem ilusões, uma candidatura no departamento de Rhône, com vista a obter assento, como representante do povo, na Assembléia nacional eleita, pela primeira vez, por sufrágio universal.

Ozanam reclamava a organização de instituições *"que possam melhorar e renovar as condições dos trabalhadores"*.

Frederico não foi eleito. Mas isso não afetou em nada este homem, cuja atividade política vai se exercer, entretanto, no quadro da redação da "Nova Era". Encontrou aí outros católicos liberais, entre eles Lacordaire e o abade Henrique Maret.

Lançado em 15 de abril de 1848, o jornal lembrava "O Futuro" de Lamennais, pela sua modernidade, a fidelidade aos seus princípios de liberdade, o seu não conformismo que irritava a maior parte dos católicos, sensíveis às investidas de "O Universo" de Luis Veuillot, que considerava Ozanam como chefe do "partido do amor" composto por "ovelhas enraivecidas".

Por altura da insurreição operária de junho de 1848, manifestou uma compaixão e uma compreensão que o afastou de muitas pessoas que se diziam cristãs.

Vítima de dificuldades financeiras, a existência do "Nova Era" estava ameaçada. A 5 de abril de 1849, o jornal foi vendido a um legitimista. O fim do jornal marcou um grande revés para a Democracia Cristã, afastando da luta os espíritos mais clarividentes, Ozanam e Maret em particular.

Em dezembro de 1852, Luis Napoleão dá o golpe de Estado, aplaudido pela maioria dos católicos. Ozanam deplora sinceramente este enfraquecimento no campo da liberdade, mas não se desesperou. Muito pelo contrário, em uma carta a Foisset, a 24 de Setembro de 1848, reafirmava: *"Acreditei, como ainda acredito, na possibilidade da democracia cristã; não acredito mesmo em mais nada em matéria de política."*

Fé e Justiça Social

Os Cristãos e o Povo

Frederico Ozanam foi muito cedo sensibilizado pelas questões sociais que, no século XIX, estavam essencialmente centradas sobre a condição operária que as perturbações sociais, conseqüências da revolução, trouxeram à luz de Lyon e Paris.

Em 1836, quando a Conferência de São Vicente de Paulo começava a crescer, Ozanam escreveu a

Falconnet: *"Nós somos muito jovens para intervir na luta social; teremos de ficar imóveis neste mundo que sofre e que geme? Não. Está aberto para nós um caminho preparatório: antes de fazer o bem público, nós podemos tentar fazer o bem a alguns; antes de regenerar a França, nós podemos ajudar alguns de seus pobres."*

No seio de um regime político cuja divisa, destinada só às classes dirigentes, parecia ser "enriquecei", Frederico achava-se cada vez mais, pouco à vontade, tanto mais que os governantes da Monarquia de Julho nada faziam para pôr em prática uma legislação adequada, ficando tudo como no mesmo tempo do liberalismo da burguesia de 1791.

Foi a aproximação e o rebentar da Revolução de Fevereiro de 1848 que fez de Frederico um católico social totalmente empenhado.

Se os católicos liberais de então eram muito tímidos no domínio social, Ozanam distinguiu-se pelas ousadias que assustavam alguns de seus amigos. Como exemplo, o famoso artigo, de 10 de Fevereiro de 1848, em "O Correspondente", onde ele convida todos os católicos franceses a se preocuparem finalmente com o povo.

Justiça e Caridade

Com efeito, o pensamento político e social de Ozanam eram menos o de um teórico do que o de um cristão vivendo a sua fé. Foi um espírito mais brilhante de todos os que fundaram a Sociedade de São Vicente de Paulo, que quis dar à Igreja uma imagem fraternal, torná-la mais atenta a todas as misérias de forma a suaviza-las temporal e espiritualmente. Poucos católicos liberais ligaram a sua religião pessoal às suas preocupações sociais.

Muitas vezes Frederico pediu aos seus correspondentes que o espírito social lhes levasse a melhor sobre as opiniões e as teorias políticas. Ele queria unir todos aqueles que pretendiam um mundo mais solidário. Em seu pensamento, os cristãos deviam colocar-se na primeira linha, pois a sua religião é a base da fraternidade e do espírito de sacrifício.

Quando reclamava Igualdade, que dizer, justiça social, Frederico não tem pejo de lhe opor a caridade cristã; a seus olhos, os dois princípios harmonizam-se: *"A ordem da sociedade repousa sobre as duas virtudes: justiça e caridade. Mas a justiça supõe já muito amor, pois é preciso amar muito o homem para respeitar os seus direitos que limitam nossos direitos e a sua liberdade que incomoda a nossa liberdade. A justiça tem os seus limites e a caridade não os conhece."*

Esta passagem do seu curso de Direito Comercial fez eco deste pensamento: *"A caridade é o Samaritano que deita óleo nas chagas do viajante atacado. Cabe à justiça prevenir os ataques."*

O Adeus à Vida

Já em 1845 - quando tinha 32 anos - Ozanam queixava-se de sentir palpitações que o incomodavam e que atribuía a uma extrema fadiga. Mas era em vão que lhe recomendassem a redução do ritmo das suas atividades.

Os anos de 1846 e 1847 deram-lhe algum repouso. Dispôs de férias em Meudon, mas a sobrecarga dos anos de 1848 e 1849 esgotou-lhe de novo as forças: hemorragias, dores nos rins, criavam novas preocupações. Longas semanas de repouso em Ferney só lhe deram um restabelecimento precário; na véspera de regressar a Paris, a 3 de Novembro de 1849, consultou o seu amigo lionês, o Dr. José Arthaud: *"Eis-me aqui completamente desmoralizado, encoraja-me; diz-me se posso retornar os meus trabalhos, e de que forma. Se devo portar-me como um homem que pode contar ainda um pouco de futuro, ou como um pai de família, que ameaçado por doenças precoces, deve "colher as velas" e não mais pensar senão em assegurar humildemente a existência dos seus. Reza por mim para que, se Deus não quer que eu o sirva trabalhando, possa resignar-me a servi-Lo sofrendo..."*

Para este jovem, a experiência foi dolorosa: eis a vida, com suas mágoas, mas também com suas alegrias. Pouco a pouco, no entanto, este cristão cheio de fé aceitou a vontade divina e a última fase de sua existência será marcada pela provação. Acentuava-se assim, a partir de 1849, a ascensão espiritual de Frederico.

Se o ano de 1850 passou sem grandes problemas, as ameaças do mal que o levará - uma nefrite crônica - tornam-se mais freqüentes e graves apesar de uma estadia na Bretanha lhe facultar uma longa recuperação.

Mas a doença conhece uma nova progressão em 1852, porque uma grave pleurisia faz perigar a sua existência.

Conhecendo a ligação de Ozanam à Itália e desejosos de minorar os seus problemas de saúde, Hipólito Fortoul, de origem lionesa, ministro da Instrução Pública, confiou-lhe uma missão tendo por objetivo o estudo das origens das comunas italianas desde o século VIII: isto devia durar até 1 de maio de 1853. Vindo de Biarritz, Bayonne e Dax, os Ozanam foram a Marselha antes de embarcarem em Genes para Livorno. A travessia foi muito penosa e durante a estadia de Ozanam, o tempo foi, enfim, execrável.

Instalado, em 10 de janeiro de 1853, em Pisa, com Amélia e Maria; Frederico, que vai atravessar fases de desencorajamento e de resignação, viu o seu estado de saúde degradar-se, mas não o impediu de continuar as suas buscas históricas e de contribuir para o desenvolvimento da Sociedade de São Vicente de Paulo na península Itálica.

Os irmãos Bevilacqua ofereceram-lhe hospitalidade na sua casa em Antignano, próximo a Livorno, mas a saúde de Ozanam piorava. Ele mesmo teve a coragem suficiente de dizer no fim de sua estadia: *"Meus Deus, agradeço-Te os sofrimentos e as aflições que me fizeste passar nesta estadia..."*

Em agosto, os dois irmãos de Frederico, o abade Afonso e o Dr. Carlos juntaram-se a ele. Foi para constatarem que infelizmente nada mais havia a fazer e era desejável que Frederico voltasse para França.

A 31 de Agosto, embarcou com os seus. Quando reconheceu a costa de Provença, sentiu uma grande alegria em rever a sua pátria, apesar do pressentimento de um fim próximo.

O navio fez a entrada no porto de Marselha a 2 de setembro. Vicentinos da cidade ajudaram os parentes a desembarcar o doente, esgotado pela viagem de três dias e instalaram-no em um apartamento na rua Mazade, nº 9.

Calmamente e sereno, recebeu os últimos sacramentos em 5 de setembro. Ao padre que o assistiu e exortou a ter confiança no senhor, respondeu *"Por que O temeria eu? Eu O amo tanto."*

Em 8 de setembro, festa de natividade da Virgem Maria, à qual ele dedicava uma profunda devoção, a respiração tornou-se-lhe difícil. Cerca de sete horas e meia da tarde, entregou a alma ao criador, dizendo: *"Meu Deus, tende piedade de mim!"* Vinte minutos mais tarde, rodeado por todos os que lhe eram mais chegados, exalou o seu último suspiro.

No seu testamento, Ozanam implorava à família e aos amigos para rezarem muito por ele. Afim de corresponderem a este pedido, um primeiro serviço religioso teve lugar em Marselha, um outro em Lyon, na Igreja de São Pedro, onde ele tinha feito a primeira comunhão, e por fim, em Paris, na Igreja de São Sulpício, apenas a alguns metros de onde havia sido fundada a sua querida Sociedade de São Vicente de Paulo.

Ozanam tinha especificado que as suas exéquias deveriam ser muito simples, mas o Deão da faculdade de Letras (Sorbonne) opôs-se. Toda a faculdade foi convidada a assistir ao funeral, "pessoalmente e com as togas".

Sua esposa, Amélia, desejava que seu marido fosse sepultado em uma igreja. A urna foi depositada, provisoriamente, na cripta da Igreja de São José dos Carmelitas, hoje freqüentada pelos estudantes do Instituto Católico de Paris, rua de Vaugirard, nº 70.

Apoiada pelo Prior dos Dominicanos e pelo Padre Henrique Lacordaire, madame Ozanam obteve a autorização verbal e oficial do Ministro de Cultos, Fortoul, discípulo de Ozanam, para deixar definitivamente a urna naquele local. Ali foi feita uma cova e construída uma pequena capela no estilo das catacumbas funerárias.

Em 1913, por ocasião das celebrações do centenário do nascimento de Frederico, foi erigido um novo túmulo. Ele aí repousa, desde Junho de 1929, quando teve lugar a exumação canônica, com vista à beatificação.

Em 1853, ano do centenário da sua morte, o artista francês, René Dionnet, pintou o fresco do Bom Samaritano, decorando a parede atrás do túmulo, e simbolizando o amor ao próximo que animou a vida deste autêntico testemunho de caridade que foi Frederico Ozanam.

Hino ao Senhor

Que conclusão mais significativa poderá ser dada a este esboço do percurso humano e espiritual de

Frederico Ozanam que não seja convidar o leitor a meditar no seu maravilhoso adeus à vida terrestre, último ato de fé, de amor e de esperança, abrindo-se sobre a luz da eternidade?

"É o começo do cântico de Isaías: Não sei se Deus permitira que eu chegue ao fim. Sei que completo o meu quadragésimo aniversário, mais do que metade do caminho da vida. Sei que tenho uma mulher jovem e bem amada, uma filha encantadora, excelentes irmãos, uma segunda mãe, muitos amigos, uma carreira honrosa, trabalhos levados precisamente a ponto de poderem servir de fundamento a um trabalho há muito sonhado. No entanto fui atacado por uma doença grave, obstinada e tanto mais perigosa que provavelmente esconde um esgotamento completo.

É necessário, pois deixar todos estes bens, que Vós, meu Deus, me haveis dado? Não quereis Senhor, contentar-vos com uma parte do sacrifício? Qual é a que necessito de Vos sacrificar dentre as minhas afeições desordenadas? Não aceitareis melhor o sacrifício do meu amor próprio literário, das minhas ambições acadêmicas, dos meus projetos mesmo de estudos onde se misturavam, talvez, mais o orgulho do que o zelo pela verdade?

Se eu vendesse metade dos meus livros para dar o preço aos pobres e, limitando-me a cumprir os deveres do meu estado, consagrasse o resto de minha vida a visitar os indigentes, a instruir os aprendizes e soldados, Senhor, ficaríeis satisfeito, e deixar-me-ias a doçura de envelhecer junto de minha mulher e completar a educação de minha filha? Talvez Meu Deus, não o quereis mais? Não aceitais estas oferendas interessantes; Vós recusais os meus holocaustos e os meus sacrifícios. É a mim que quereis.

Está escrito no principio do livro que devo fazer a Vossa vontade e eu disse: Aqui estou Senhor. Aqui estou Senhor. Aqui estou se me chamares e não tenho o direito de me lastimar. Deste-me quarenta anos de vida. Se passo perante Vós os meus anos de amargura é por causa dos pecados que me mancham. Mas quando considero as graças com que os enriqueceste, eu passo-os perante Vós, Senhor, com reconhecimento.

Quando Vós me prendeis em uma cama para o resto dos meus dias, não basta o agradecer-Vos os dias que já vivi. Ah! Se estas páginas são as últimas que escrevo, que elas sejam um hino à Vossa bondade."

Pisa, 23 de Abril de 1853, dia dos 40 anos de Frederico Ozanam.

Uma beatificação pedida por todas as nossas orações

Esta breve evocação de Frederico Ozanam não podia cobrir todas as facetas de sua espantosa personalidade, mas ela é, sem dúvida, suficiente para esclarecer e justificar as palavras tão calorosas do Papa João Paulo II, durante a audiência que quis oferecer em 27 de abril de 1983, aos vicentinos vindos de todo o mundo até Roma, no programa das celebrações que marcaram um século e meio das atividades da Sociedade de São Vicente de Paulo.

"Eis portanto cento e cinquenta anos exatamente que a primeira "Conferência de Caridade" viu o dia em Paris: uma iniciativa de jovens leigos cristãos, agrupados à volta de Frederico Ozanam. Torna-se necessário antes de mais, agradecer a Deus este presente, que Ele deu à Igreja na pessoa de Ozanam. Ficamos maravilhados com tudo o que empreendeu para a Igreja, para a sociedade, para os pobres, este estudante, este professor, este pai de família, ao mesmo tempo ardente e com caridade inventiva, ao longo da sua vida tão rapidamente consumida! O seu nome fica associado ao de São Vicente de Paulo, que dois séculos mais cedo tinha fundado as Senhoras da Caridade sem que o equivalente pudesse ter sido instituído pelos homens. E como não desejar que a Igreja ponha também Ozanam na lista dos bem - aventurados e dos santos?"

O voto do Santo padre, que se juntou aos nossos, foi finalmente ouvido favoravelmente, depois de 72 anos de paciente e fervorosa espera.

Após ter proclamado Frederico Ozanam "Venerável", a 6 de Julho de 1993, concedeu recepção aos Vicentinos para a beatificação, em Paris, a 22 de Agosto de 1997.

O Milagre de Ozanam

Desde a introdução da causa da beatificação de Frederico Ozanam, em 15 de Março de 1925, na festa de Santa Luiza de Marillac, os membros da Sociedade de São Vicente de Paulo pediram ao Senhor "manifestar por favores celestes"- termos da prece redigida para este fim - a evidencia da santidade do nosso principal fundador.

Gerações de Vicentinos recitaram-na em todas as reuniões das Conferências e em todas as

Assembléias, afim de se obterem os favores e sobretudo os milagres necessários à conclusão do processo.

O primeiro sinal não se fez esperar muito visto que, em 2 de Fevereiro de 1926 - festa da Purificação da Virgem Maria - uma criança brasileira, de dezoito meses, Fernando Luiz Benedito Ottoni - cuja família residia em Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, beneficiou da intervenção de Ozanam.

Atingido por difteria, qualificada incurável, esta criança lutava com a morte perante os pais acabrunhados e uma medicina impotente.

O avô de Fernando, membro da Conferência do Espírito Santo, no Rio de Janeiro, pediu as orações de seus amigos com a intenção da cura de seu neto. A intervenção de Frederico Ozanam foi implorada.

Na manhã do dia seguinte, a doença tinha regredido sensivelmente e a família podia alegrar-se por o mal ter sido ultrapassado.

Um dossiê detalhado, reunindo relatórios médicos e testemunhos daqueles que conheciam o caso, foi minuciosamente constituído e submetido à Congregação para as Causas dos Santos, em Roma. Após um longo período de estagnação, novo entusiasmo foi dado ao processo em 1980.

A apresentação da "Desquisitio" e da "Positio, elaboradas com o maior rigor, permitiu passar com sucesso as etapas incontornáveis das Comissões Romanas de historiadores, de teólogos e de cardeais. A 6 de junho de 1993, o Papa João Paulo II proclamou Frederico Ozanam Venerável e a 25 de Junho de 1996, assinou o decreto reconhecendo o milagre obtido a favor de Fernando Ottoni, abrindo assim o caminho para a Beatificação.

Fonte: Revista "Ozanam - Um Santo Leigo para o nosso Tempo" - Éditions du Signe

FRÉDÉRIC OZANAM

Um santo laico de nosso tempo

Biografia

Nascido em Milão no dia 23 de abril de 1813, falecido em Marselha no dia oito de setembro de 1853, Antoine Frédéric Ozanam foi, de acordo com Lacordaire, uma das figuras fora de série do Catolicismo pelo século XIX.

Após a escola secundária em Lyon, durante a qual ele supera uma crise religiosa, vai para Paris iniciar seus estudos universitários. A defesa da verdade e o compromisso social constituirão as duas bases de sua curta, mas generosa vida.

Em 1833, ele funda, junto com alguns amigos, a Sociedade de São Vicente de Paulo que floresceu nos cinco continentes. Ele também participa no surgimento das famosas Conferências "de Notre-Dame", em Paris.

Professor integral de direito comercial, do Corpo docente de Lyon, depois professor de Literatura Estrangeira em Sorbonne, dedica-se ao estudo da Civilização no século V, dos Germânicos antes da Cristandade, da civilização Cristã entre os francos, dos poetas franciscanos na Itália no século de XIII, de Dante e a Filosofia católica no século XIII.

Em 1848, ele participa no lançamento do jornal "*L'Ere Nouvelle*" (A Nova Era) no qual se esforça para "*transmitir o espírito do Cristianismo em instituições Republicanas*". No mesmo ano ele concorre a um mandato de deputado na Assembléia de Constituição Nacional. Seu programa avançado procede de uma intuição profética que o deixa prever o alargamento entre forte e fraco, o rico e o pobre.

Seu pensamento impregnou amplamente o Catolicismo Social. E está presente na encíclica "*Rerum novarum*" do Papa Leão XIII (1891).

Sua saúde o compeliu a deixar o ensino prematuramente, considerado por ele como um apostolado,

desde então dedica suas últimas forças à pesquisa científica e à Sociedade de São Vicente de Paulo, antes de partir à idade de 40 anos, em uma atitude de abandono total a Deus.

Filho, marido, pai e amigo, dotado de rara sensibilidade, ele impressionou todos que o conheceram profundamente.

Testemunha de Caridade em todos os aspectos pessoais, familiares, profissionais e na vida cívica, sua causa de beatificação foi introduzida na diocese de Paris no dia 15 de março de 1925. Foi concluída no dia 25 de junho de 1996, com a assinatura do Decreto Pontifical que reconhece o milagre obtido por sua intercessão.

O Papa João Paulo II o "proclamou santificado", no dia 22 de agosto de 1997, em Notre-Dame, Paris.

Frederico Ozanam é verdadeiramente um santo laico de nosso tempo.

Fonte: Conselho Geral Internacional da SSVV

Cronología de Frederico Ozanam

- | | |
|-----------|---|
| 1813 | Nascido em Milão (Itália), no dia 23 de abril, filho de Jean-Antoine François Ozanam, doutor em medicina, e Marie Nantas, filha de um comerciante. |
| 1815 | Retorno final para Lyon (França), de onde o casal veio. Antoine Frédéric é o quinto filho de 14 crianças dos quais só quatro sobreviveram. A família, vivendo em uma amável atmosfera harmoniosa, é impregnada profundamente pelo fervor Cristão. |
| 1822 | Frédéric ingressa na Faculdade Real de Lyon onde Monsieur Legeay e, particularmente, Padre Noirot o enriquecerão a ambos os níveis moral e espiritual. |
| 1829 | Alcança o bacharelado em artes. |
| 1829-1830 | Passa por um período de provação no escritório de um advogado para agradar o pai, que o conduz nos estudos da lei. |
| 1831 | Frédéric registra-se ao Corpo docente de Direito de Paris. Primeiramente, mora na Pensão de Bailly e, mais tarde, com o cientista André Marie Ampère cujo filho Jean-Jacques tornar-se-ia seu amigo bastante íntimo. Por gosto pessoal, Frédéric conduz simultaneamente o estudo da literatura e obtém o mestrado em 1835. |
| 1833 | No dia 23 de abril, no dia do 20º aniversário de Ozanam, acontece em Paris, debaixo da liderança moral de Emmanuel Bailly a reunião constitutiva da primeira "Conferência de Caridade". |
| 1836 | Frédéric conclui o doutorado em Direito e volta para Lyon, onde vai trabalhar no tribunal |
| 1839 | Ele conclui os estudos literários e apresenta seu doutorado em "Dante e a filosofia católica no século XIII". |
| 1840 | Frédéric Ozanam é honrado com os mais altos graus do Estado Universitário em artes ("agregation de lettres", criadas por Victor Cousin, Ministro de Instrução Pública). |
| 1841 | Após seus pais terem partido, ele aceita uma posição como conferencista assistente do professor Claude Fauriel, para o curso de literatura estrangeira, na Sorbonne.
Neste mesmo ano se casa com Amélie Soulacroix, filha do Reitor da Academia de Lyon. A única criança do casal, Marie, será o fruto de sua união.
De 1840 a 1844 ele também leciona Retórica na renomada Faculdade |

- de Stanislas, em Paris.
- 1846** Depois de dois anos como professor pleno em Sorbonne, no topo de sua brilhante carreira, Ozanam começa a sofrer da doença que lhe será fatal.
Empreende uma série de viagens, esperando restabelecer sua saúde, mas suas metas científicas e culturais prevalecerão sobre todas as outras preocupações. Ele visita Brittany, o país Basco, Espanha, Itália (três vezes), Inglaterra e Alemanha.
- 1852** Totalmente debilitado, é, pesarosamente, obrigado a deixar o ensino.
- 1853** Depois de permanecer vários meses em Pisa, Itália, onde escreve seu testamento espiritual, em seu 40º aniversário, em 23 de abril, ele visita seus queridos amigos, os irmãos de Bevilacqua, em Antignano, ao longo da costa mediterrânea. Tendo sua saúde piorado consideravelmente, ele sobe a bordo do navio a vapor "Industrie" no porto de Livorno, em 31 de agosto, e desembarca em estado crítico de saúde em Marselha onde morre em oito de setembro, banquete da Natividade da Virgem Maria a quem ele mostrou uma devoção especial durante toda sua vida.

Fonte: Conselho Geral Internacional da SSVV

Última atualização em Seg, 02 de Março de 2009 14:37